

# Estudos em variação linguística nas línguas românicas



## Coordenação

Lurdes de Castro Moutinho

Rosa Lídia Coimbra

Elisa Fernández Rei

Xulio Sousa

Alberto Gómez Bautista



universidade de aveiro  
theoria. poiesis. praxis

## **FICHA TÉCNICA**

### **TÍTULO**

Estudos em variação linguística nas línguas românicas

### **EDITORES**

Lurdes de Castro Moutinho, Rosa Lúcia Coimbra, Elisa Fernández Rei,  
Xulio Sousa, Alberto Gómez Bautista

### **COMISSÃO CIENTÍFICA DO VOLUME**

Alexsandro Rodrigues Meireles (Universidade Federal do Espírito Santo), Antonio Romano (Universidade de Turim), Francisco Dubert (Universidade de Santiago de Compostela), Helena Rebelo (Universidade de Madeira), Izabel Christine Seara (Universidade Federal de Santa Catarina), Leandra Batista Antunes (Universidade Federal de Ouro Preto), Maria Teresa Roberto (Universidade de Aveiro), María Victoria Navas Sánchez-Élez (Universidade Complutense de Madrid), Paolo Mairano (Université de Lille), Regina Célia Fernandes Cruz (Universidade Federal do Pará), Rosa Maria Lima (Escola Superior de Educação Paula Frassinetti), Sandra Madureira (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Valentina De Iacovo (Universidade de Turim), Vanessa Gonzaga Nunes (Universidade Federal de Santa Catarina) e os editores desta publicação.

### **EDITORA**

UA Editora  
Universidade de Aveiro  
Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia

**1.<sup>a</sup> edição – julho 2019**

### **ISBN**

978-972-789-600-4

### **IMAGEM DA CAPA**

Pixabay

## APOIOS AO EVENTO

universidade de aveiro  clic centro de linguas, literaturas e culturas

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

universidade de aveiro  dlc departamento de linguas e culturas

**USC**  
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA  
INSTITUTO DA LINGUA GALEGA

 GOBIERNO DE ESPAÑA  
 MINISTERIO DE ECONOMÍA Y COMPETITIVIDAD  
 UNIÓN EUROPEA

FEDER - FONDO EUROPEO DE DESENVOLVEMENTO REGIONAL  
"Uma maneira de fazer Europa"

Ministerio de Economía e Competitividade (referencia FFI2015-65208-P)  
Fondo Europeo de Desenvolvemento Rexional (FEDER, marco financeiro plurianual 2014-2020)

*Les études que nous menons ne sont jamais achevées, comme n'est jamais achevée l'analyse de langues que les hommes parlent, depuis des centaines de milliers d'années, et de l'univers culturel qu'elles véhiculent et qui nous émerveille chaque jour tout le long de notre existence.*

Michel Contini, 2015

## Nota de abertura

Nos dias 2, 3 e 4 de maio de 2018, realizou-se o *Congresso Internacional em Variação Linguística nas Línguas Românicas* na Universidade de Aveiro, Portugal (disponível em <http://congresso.varialing.eu>). Conferências, comunicações orais, pôsteres, uma mesa redonda e uma oficina fizeram parte deste evento. As linhas temáticas, sempre relacionadas com Variação Linguística nas línguas românicas repartiram-se pelas seguintes áreas: geoprosódia, dialectometria e cartografia linguística, contacto e mudança linguística, linguística contrastiva, variação e aquisição da linguagem, línguas ameaçadas e minoritárias, variação linguística diatópica, diafásica e diastrática.

A edição da presente publicação é da responsabilidade dos mesmos elementos que integraram a Comissão Organizadora do evento: Lurdes de Castro Moutinho (Professora Associada, Universidade de Aveiro), Rosa Lídia Coimbra (Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro), Elisa Fernández Rei (Professora Contratada Doutora, Universidade de Santiago de Compostela), Xulio Sousa (Professor titular, Universidade de Santiago de Compostela), Alberto Gómez Bautista (Professor Adjunto Convidado do ISCA de Lisboa. Instituto Politécnico de Lisboa).

Da Comissão Científica do evento, para além dos organizadores, fizeram ainda parte os professores Michel Contini (Universidade de Stendhal, Grenoble), Aldina Quintana (Universidade Hebraica de Jerusalém), Alexandro Rodrigues Meireles (Universidade Federal do Espírito Santo), Antonio Romano (Universidade de Turim), François Wioland (Université de Strasbourg), Helena Rebelo (Universidade da Madeira), Izabel Christine Seara (Universidade Federal de Santa Catarina), Jean-Pierre Zerling (Universidade de Strasbourg), João Manuel Nunes Torrão (Universidade de Aveiro), Josefa Dorta Luis (Universidad de La Laguna), Leandra Batista Antunes (Universidade Federal de Ouro Preto), Maria Teresa Cortez (Universidade de Aveiro), Regina Célia Fernandes Cruz (Universidade Federal do Pará), Rosa Maria Lima (Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, Porto) e Sandra Madureira (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

As comunicações apresentadas, após uma revisão científica duplamente cega, deram origem a duas publicações: o presente *ebook* e um número temático da Revista Intercâmbio, intitulado “A prosódia das línguas românicas”.

O evento e as publicações dele decorrentes são dedicados, pelos editores desta publicação, ao professor Michel Contini.

Os editores

## Índice

Michel Contini En guise d'introduction .....	7
<b>Parte I – Conferências plenárias</b>	
Francisco Dubert A segmentación do contínuum xeolingüístico no noroeste da Península Ibérica .....	14
François Wioland Singularités phonétiques du français parlé par rapport aux autres langues romanes .....	40
Izabel Christine Seara Algumas observações sobre características segmentais da variedade dialetal florianopolitana .....	49
<b>Parte II – Painel temático sobre línguas minoritárias</b>	
Alfredo Cameirão Froles mirandesas: sembrar para poder colher .....	70
Maria Victoria Navas El barranqueño, lengua amenazada y minoritaria .....	76
Vera Ferreira Mínderico: da vitalidade à revitalização .....	96
<b>Parte III – Comunicações</b>	
Carla Marques & Rosa Maria Lima Variação na Aquisição da Fonologia Infantil: percepção auditiva e desempenho verbal .....	119
Carmen Widera & Georg A. Kaiser Astérix e os pronomes sujeitos – uma análise contrastiva do emprego dos pronomes sujeitos no português europeu e brasileiro .....	143

Ernestina Carrilho & Costanza Aliverti Piuri Cartografagem motivacional e áreas lexicais no território português – variação em nomes de insetos no ALiR e no ALE .....	167
Ewa Urbaniak & Marek Baran La reduplicación del imperativo en español e italiano .....	179
Júlia Langer de Campos, Priscilla Mouta Marques & Maria Maura da Conceição Cezario Falando sério e falando seriamente: análise das construções com adjetivo adverbial e com advérbio em -mente no português .....	199
Leila Figueiredo de Barros, Cristina Normandia dos Santos & Maria Teresa Tedesco Villardo Abreu Aspectos da referenciação em textos orais de idosos do sítio urbano do Rio de Janeiro .....	219
Lorena da Silva Rodrigues & Aline Bazenga Variação linguística dos pronomes pessoais de terceira pessoa no português falado no Brasil e na Madeira .....	236
Lurdes de Castro Moutinho et al. Análise dialectométrica e cartográfica da variação linguística .....	249
Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu & Márcia Aparecida Campos Furtado O rotacismo na fala e na escrita de alunos quilombolas .....	260
Marilúcia Barros de Oliveira & Fábio Luidy de Oliveira Alves Línguas em contato na Amazônia: contornos diatópicos e diastráticos .....	286
Marizete Lliamar Grandó Garcia A variação diastrática no discurso de idosos .....	303
Michael Gradoville A variante <i>pa</i> no português brasileiro .....	317
Roberta Pires-de-Oliveira, Izabel Christine Seara & Juan Manuel Sosa Contorno entonacional declarativo com upstep no falar manezinho e seu significado: uma abordagem crítica .....	338
Sandra Madureira, Plínio Barbosa, Mario A S Fontes & Paulo Menegon Comparação entre características respiratórias e fonético-acústicas em fala e canto: um estudo de caso .....	357
Valentina Colonna & Antonio Romano Variazioni intonative del “Congedo” – Analisi comparativa di dodici letture .....	375
Zhihua Hu & Maria Teresa Roberto Análise das Instâncias de Tradução da Conjunção “Aunque” do Espanhol para o Português com Base num <i>Corpus</i> Paralelo .....	394

**EN GUISE D'INTRODUCTION**

Michel Contini

## VARIAZIONI INTONATIVE DEL “CONGEDO”: ANALISI COMPARATIVA DI DODICI LETTURE

Valentina Colonna

(Dottorato in Digital Humanities, Università di Genova-Università di Torino)

Antonio Romano

(Dip. di Lingue e L.S. e C.M. - Università degli Studi di Torino)

### Riassunto

È noto, da numerosi studi linguistici, che il parlato sia regolato da un sistema di norma e variazione. Anche la lettura della poesia, trascurata finora dagli studi italiani, si può collocare in tale regola. Questo studio, avvio di un progetto più ampio, esplora l'apparato musicale del componimento poetico, evidenziando le variazioni che incidono nella lettura, attraverso le metodologie della fonetica strumentale, prendendo in esame la prosodia in dodici letture del *Congedo del viaggiatore cerimonioso* di Giorgio Caproni. Dall'analisi sono emerse diverse modalità organizzative, tendenze prevalenti a livello melodico, differenti rese dell'apparato retorico testuale e nelle scelte di lettura del testo, in termini di ritmo, intonazione e profilo vocale.

### Keywords

Intonazione, linguistica, variazione, poesia, prosodia.

### Abstract

Many linguistic studies show that speech belongs to those systems depending on norm and variation. Also the reading of poetry, neglected so far by Italian studies, can be placed in this domain. This study, starting point of a larger project, explores the musical *apparatus* of the poetic composition, highlighting the variations of reading, through the methodologies of instrumental phonetics, considering the prosody of twelve readings of the *Congedo del viaggiatore cerimonioso* by Giorgio Caproni. The analysis demonstrates different organizational choices and realizations of the textual rhetorical *apparatus*, in addition to different tendencies in timing, intonation and vocal profile.

### Keywords

Intonation, linguistics, variation, poetry, prosody.



## 1. INTRODUZIONE

Diversi sono gli approcci utilizzati nell'ambito dello studio della dimensione sonora della lingua: in questo lavoro si farà uso di una mediazione tra uno sguardo fonetico (acustico) e un metodo fonologico (uditivo-percettivo).

L'intonazione e le diverse modalità di lettura della poesia in versi liberi sono state osservate in vari contesti di ricerca internazionali. Tuttavia, gli studi italiani in merito sono finora notevolmente limitati. Studiosi come Fortini (2003) e Beccaria (1964) evidenziavano la problematica della scarsità di lavori di questo tipo già nel secondo Novecento. Contributi importanti dedicati all'aspetto musicale della poesia italiana sono stati apportati invece dal mondo della Metrica, con un approccio di tipo endofasico (ricordiamo i lavori pionieristici di Menichetti (1993), poi di Beltrami (2002), tra gli altri), e da metodologie linguistiche, basate su misure quantitative, impiegate nei lavori di Bertinetto degli anni Settanta (1973, 1978). È opportuno menzionare inoltre gli studi di fonologia metrica, come quelli di Liberman & Prince (1977), Hayes (1982), Halle & Vergnaud (1987) e Nespor (1993), quelli di fonetica di Crystal (1975), Fónagy (1982, 1983, 2000), Pamies Bertrán (1999, 2010), quello del 2004 di Schirru e i lavori più recenti di Mistrorigo (2018), MacArthur *et al.* (2018) e il progetto berlinese *Rhythmicalizer* (2017), finalizzato anche a individuare l'influenza della prosodia del verso libero americano sul linguaggio poetico del postmodernismo tedesco. In particolare, i contributi di MacArthur, incentrati su un importante numero di letture di poeti compresi in uno specifico arco temporale, improntati a un'osservazione globale della dimensione performativa e finalizzati a distaccarsi da approcci meramente impressionistici, hanno permesso di tracciare un primo quadro del panorama poetico americano, da un punto di vista generazionale e sociale.

Questione approfondita è stata invece, nel tempo, quella del ritmo linguistico, affrontata su un piano tanto teorico quanto sperimentale da autori diversi (v. Colonna in c. di s.). In ambito italiano, tra gli altri, ricordiamo i lavori condotti all'interno del Laboratorio di Linguistica della Scuola Normale di Pisa e del Laboratorio di Fonetica Sperimentale "Arturo Genre" dell'Università di Torino: in questa sede terremo in particolare considerazione gli approcci di Bertinetto (1973) e Romano (2010). Approcci di tipo sperimentale, con potenziali applicazioni in campo poetico, sono stati, seppure apprezzati per la loro utilità tecnica in lavori come Beccaria (1964), immaginati nella limitatezza di un approccio che rischierebbe di tenere poco conto della materia semantica interna alla poesia. Tra i lavori concentrati sul ritmo in campo poetico, precedenti a quelli attuali e globalmente limitati, si ricordino quelli di Lerdahl & Halle (1991) e di Lerdahl (2003).

Fonetica e metrica hanno inoltre trovato nel tempo strade comuni di ricerca in lavori considerevoli come quelli di Abercrombie (1967), Bertinetto (1978), Dauer (1982), Ramus, Nespor & Mehler (1999), Grabe & Low (2002).

Sicuramente a livello intonativo la peculiarità della lettura poetica ha nel tempo interessato diversi studiosi, tra cui, per l'italiano, i già citati Beccaria e Fortini, che affrontano la questione in termini di contrasto tra due principali tendenze melodiche, di omogeneità da un lato (considerata, più propriamente, "monotona" con Beccaria) e di varietà dall'altro (anche considerata come lettura "espressiva"). Anche Cohen (1972) richiamava una tale sommaria distinzione, all'interno della quale indicava una preferenza naturale del verso per la prima delle due tendenze, che risulterebbe prevalente anche, in ambito americano, dai recenti studi sperimentali.

Globalmente emerge, da una rapida rassegna generale, che la prevalenza degli studi dedicati alla prosodia italiana abbiano finora dedicato spazio principalmente al parlato spontaneo, tralasciando invece questo specifico ramo di osservazione.

In questo articolo ci proponiamo di considerare uno stesso testo poetico del Novecento italiano, in versi liberi, letto da molteplici voci, al fine di verificare i diversi cambiamenti del testo nella sua realizzazione acustica e individuare le possibili modalità interpretative attuate.

## 2. DATI

Al fine di svolgere questo primo lavoro sperimentale comparativo, è stato necessario raccogliere un nucleo sufficiente di dati su cui concentrare l'analisi. Per questo si è scelto di prendere come punto di partenza una lettura di un autore del Novecento italiano mai studiato da questa prospettiva e la cui scrittura poetica, connessa anche all'importante sensibilità e formazione musicale, particolarmente si presta a uno studio di questo tipo, come anche l'interesse di diverse osservazioni metriche ha confermato.

In seguito a un'indagine e a una selezione di diverse letture originali di Giorgio Caproni, si è deciso di considerare l'interpretazione originale della prosopopea intitolata *Congedo del viaggiatore cerimonioso*, incisa dal poeta nel 1983 presso l'Istituto Centrale per i Beni Sonori e Audiovisivi (Discoteca di Stato – Museo dell'Audiovisivo). Oltre alla concreta reperibilità del dato sonoro, la scelta della lettura è ricaduta, per un primo studio come questo, su una forma poetica capace di essere vicina anche alla discorsività teatrale, con i tratti tipici di un'oralità e di un parlato spontaneo più normalmente indagati nelle analisi di tipo fonetico.

A partire dalla lettura che fa il poeta del suo testo, sono state raccolte altre undici letture, a cura di poeti contemporanei, attori, *speaker* radiofonici. Sono dapprima state individuate le

registrazioni già presenti in commercio o in archivi nazionali e, successivamente, sono stati coinvolti altri lettori scelti appositamente, al fine di poter creare un piccolo archivio sufficiente a svolgere un primo lavoro comparativo. Le letture recuperate in CD e vinile sono state quelle di attori: sino ad ora sono state raccolte inoltre numerose altre letture del *Congedo*, per un totale di circa una cinquantina di registrazioni, su cui si sta continuando il lavoro di ricerca.

Per l'individuazione del numero di parlanti, abbiamo adottato i seguenti criteri di selezione: sono stati coinvolti sei poeti contemporanei (tre uomini e tre donne) di aree geografiche diverse e con stili di lettura riconoscibili, al fine di osservare la lettura poetica, a distanza di circa trent'anni dalla lettura caproniana, e vedere come altri poeti rendessero a livello prosodico il testo. Ci siamo interessati, parallelamente, a un campione di letture di attori, per considerare la varietà stilistica dettata dalla dimensione professionale: all'interno di questo limitato numero di voci abbiamo anche cercato di proporre un ventaglio temporale, così da considerare anche la varietà diacronica incidente sullo stile di lettura. Gli *speaker* radiofonici presi in analisi, al contempo poeti, costituiscono un punto di connessione tra le due macrocategorie individuate.

Le voci prese in considerazione sono quelle di Claudio Damiani, Laura De Luca, Roberto Herlitzka, Gianfranco Lauretano, Paola Loreto, Achille Millo, Stefania Negro, Davide Rondoni, Alberto Rossatti, Irene Santori, Ida Travi.

### 3. METODO

Il lavoro adotta strumenti della Fonetica sperimentale e vuole utilizzare un approccio sia qualitativo sia, per il possibile, quantitativo. A tal fine lo studio, che ha combinato l'ascolto con l'osservazione degli spettrogrammi e degli oscillogrammi, visualizzabili a mezzo del *software* Praat, si è basato su un'analisi particolare e generale, finalizzata al confronto tra più dati. A questo scopo, sono state predisposte anche delle tabelle di dati configurate per un'ispezione visiva mediante le soluzioni di rappresentazione offerte nell'ambito del progetto *AMPER (Atlas Multimédia Prosodique del Espace Roman, v. dopo)*.

Tutti i file sono stati segmentati su più livelli di annotazione, che tenessero conto della connessione tra testo scritto e lettura: sono stati infatti individuati dapprima un *Verse Tier* (livello del verso), costituito da stringhe coincidenti col verso testuale; un *Utterance Tier* (livello enunciativo), coincidente con la curva melodica compresa tra due pause (intervallo interpausale); un *Intonation Tier* (livello intonologico), segmentato in corrispondenza di curve intonative nella forma che percepiamo; un *Tone Tier* (livello tonologico), scandito da accenti tonali interni delle curve.

Già da una prima presentazione si può notare come esista una frattura reale tra testo scritto e pronunciato: a tal fine, un'analisi che tenga conto di questi diversi piani, che costituiscono la lettura e la sua percezione, può costituire un utile contributo per considerare lo sfalsamento importante e non casuale.

L'annotazione interna ai livelli è stata di tipo ortografico ed eventuali etichette intonative<sup>1</sup> sono state utili ai fini di descrizioni interne al lavoro.

Parallelamente allo studio del dato acustico è stato costante il confronto con il testo nella sua composizione grafica: sono state difatti annotate sul testo, con barre oblique singole e doppie (rispettivamente, per confini non terminali e terminali), le suddivisioni prosodiche dei vari interpreti, così da osservare, anche nell'insieme della composizione, la sovrapposizione, trasversale, dell'organizzazione prosodica su quella grafica testuale.

Per descrivere gli andamenti prosodici delle varie interpretazioni, si è fatto uso anche di una terminologia specifica, finalizzata a una descrizione che tenesse in considerazione l'analisi fonetica e non si confondesse con la consolidata tradizione metrica. La riassumeremo in questa sede con gli esempi di *verso-curva*, coniato per indicare i casi di coincidenza tra unità intonativa e verso, e di *parole ritmiche*, riferito alle parole che a livello ritmico-tonale emergono nella lettura e risultano salienti, come riflesso di diverse strategie di rilievo acustico, costituendo così elementi significativi nella scansione ritmica della curva in corrispondenza di alcune delle parole collocate nel verso (v. §4.1).

La descrizione svolta, di tipo fonetico, si è concentrata sostanzialmente sui seguenti aspetti: osservazione dell'andamento intonativo generale e particolare delle letture, della suddivisione prosodica in relazione a quella testuale, della resa dell'apparato retorico testuale e dell'aspetto ritmico nel suo complesso. In particolare, per quanto riguarda le curve intonative, ne è stato descritto il movimento melodico, facendo talvolta riferimento ai livelli frequenziali usati (B – basso, M – medio, A – alto), suggerendo etichette simili a quelle in uso nell'ambito autosegmentale-metrico (Pierrehumbert, 1980) e del modello INTSINT (Hirst & Di Cristo, 1998). Le diverse suddivisioni prosodiche sono state classificate nelle seguenti categorie: “sintattica”, per indicare le frammentazioni legate sostanzialmente alla sintassi del testo e non al verso; “metrica”, per quanto riguarda le letture più fedeli al verso nel suo insieme (quei casi, ovvero, di letture con maggiori casi di *versi-curva*); “metrico-sintattica”, per quelle interpretazioni che mischiano le due tipologie precedenti, in una suddivisione di curve

---

<sup>1</sup> Sono esempi di etichette considerate / Da / per le dichiarative, / ct / per le continuative minori, / CT / per le continuative maggiori, / Escl / per le esclamative, secondo la classificazione di Romano (2014).

prosodiche legata all'impianto sintattico principale del testo in correlazione con la frammentazione in versi.

Per la parte di descrizione comparata, sono stati messi in relazione tra loro alcuni punti del testo riprodotti nelle varie letture in modo convergente o divergente, in modo tale da considerarne le specifiche proprietà. Più nel dettaglio, sono stati presi in analisi alcuni casi di *enjambement*, restringendo lo sguardo sulla quarta strofa, che ne presenta il maggior numero, così da osservarne lo scarto o la stretta relazione con il testo scritto. Altro elemento retorico considerato è stato quello dell'anafora, che caratterizza due versi nella parte terminale del testo (vv. 83-84): in questo caso le modalità organizzative dei versi hanno permesso di individuare schemi di variazione riassumibili in grafici comparativi. L'analisi dettagliata e comparativa delle letture si è basata sull'osservazione dei parametri acustici di  $f_0$ , durata e intensità: si è svolta successivamente una comparazione di alcune parti specifiche (rilevanti a livello prosodico e retorico). In questa fase sono stati realizzati grafici, prodotti con Matlab, grazie alle *routine* elaborate nell'ambito del progetto *AMPER*<sup>2</sup>, che hanno messo in evidenza i segmenti vocalici di alcune porzioni melodiche. È stata in questo modo possibile la comparazione di due o più interpretazioni diverse tra loro, scelte per frequenze e/o allineamento simili: colori diversi distinguono i vari interpreti messi in relazione nello stesso confronto, evidenziando così i casi di convergenze e divergenze.

## 4. RISULTATI

Da questo studio sono emersi diversi aspetti interessanti della prosodia della lettura poetica. Nel complesso, a regolare prassi generali di interpretazione è dapprima una frattura cronologica, che separa l'interpretazione dell'autore da quelle contemporanee, non solo in termini stilistici generali (a partire dal tono declamatorio che differisce da quelli usati dagli altri poeti) ma riflettendosi anche nel comportamento e nelle scelte specifiche di lettura.

### 4.1. Breve panoramica della lettura di Caproni

Volendo riassumere in breve i tratti principali della lettura dell'autore, che ha costituito il punto di partenza e di riferimento del confronto, si può osservare che si presenta enfaticata, di portanza pubblica (Schindler, 2009), con comportamenti intonativi vari e ricorrenti, riassumibili in cadenze cicliche che rendono ricco l'andamento melodico complessivo. Il tono

---

<sup>2</sup> Oltre che alle diverse fonti citate, notizie sulle procedure analitiche adottate in questo progetto sono disponibili sul sito del Laboratorio di Fonetica Sperimentale "Arturo Genre" dell'Università degli Studi di Torino (<http://www.lfsag.unito.it/amper/amper.html>).

declamatorio costituisce una delle caratteristiche specifiche di un periodo storico comune anche all'attore Achille Millo, che difatti si distanzia, a sua volta, dagli attori contemporanei. Siamo davanti a una lettura prevalentemente sintattica, guidata dalla punteggiatura del testo, che si conferma in un'analisi numerica delle curve intonative in relazione alla prosopopea: su un totale di 93 versi, divisi in 10 strofe (di cui la decima composta di un monostico), solo 13 vengono realizzati prosodicamente in modo fedele alla scrittura in versi. Si tratta, nel dettaglio, di versi conclusivi al termine di strofa, di versi successivi tra loro a inizio di strofa e in richiamo anaforico e di un primo verso di strofa<sup>3</sup>. Se dunque la questione semantica (e retorica) non appare svincolata da quella prosodica, essa spiegherebbe anche differenti scelte interpretative in occasione di comuni occorrenze semantiche, a testimonianza di una variazione interpretativa che rende riconoscibile e vario l'impianto generale della lettura. Per lo stesso motivo si troverebbe una stessa realizzazione autonoma dei vv. 17 e 67, uguali e conclusivi nelle strofe. La collocazione e il numero di *versi-curva* nel complesso del testo appaiono dunque non casuali ma particolarmente simmetrici e regolari, in coincidenza di specifiche pause (vincolate alla punteggiatura, alla sintassi) e in occorrenza di determinati elementi semantici, in modo tale da strutturare la poesia globalmente in due parti<sup>4</sup>.

Tutte le strofe, a eccezione della quarta, che verrà considerata con maggiore dettaglio, vista la sua struttura retorica interna, presentano una struttura metodica di lettura, dove a una prima curva autonoma breve (porzione di verso) segue una seconda, più lunga, solitamente non conclusa nel verso stesso, che solitamente procede nel verso successivo. Rari infine sono i casi di tripartizione del verso in tre curve intonative.

A livello melodico la lettura caproniana si configura per una ricca varietà interna nel movimento di *f<sub>0</sub>*: tra gli andamenti ricorrenti, prevalgono quelli M-B-A-m “medio-basso-alto”, B-A e B-A-m “basso-alto”<sup>5</sup>, in presenza di continuative maggiori / CT /, che tendono a raggiungere altezze analoghe. Nello specifico, si individua una scelta di fasce melodiche ricorrenti in corrispondenza delle *parole ritmiche*, all'interno di due principali aree tonali

<sup>3</sup> Rispettivamente, i versi conclusivi sono quelli della prima, seconda, terza e sesta strofa (vv. 11, 17, 28, 66), quelli in richiamo anaforico sono nella settima e ottava strofa (vv. 67-68 e 83-84). L'unico caso di un primo verso di strofa è quello successivo al *verso-curva* v. 29 (come avveniva coi vv. 68 e 69 in relazione al v. 67, in una convergenza che è anche semantica e dettata dalla parola centrale “congedo”, che ricorre anche ai vv. 83-84 e all'altro caso di *verso-curva* che è il v. 75).

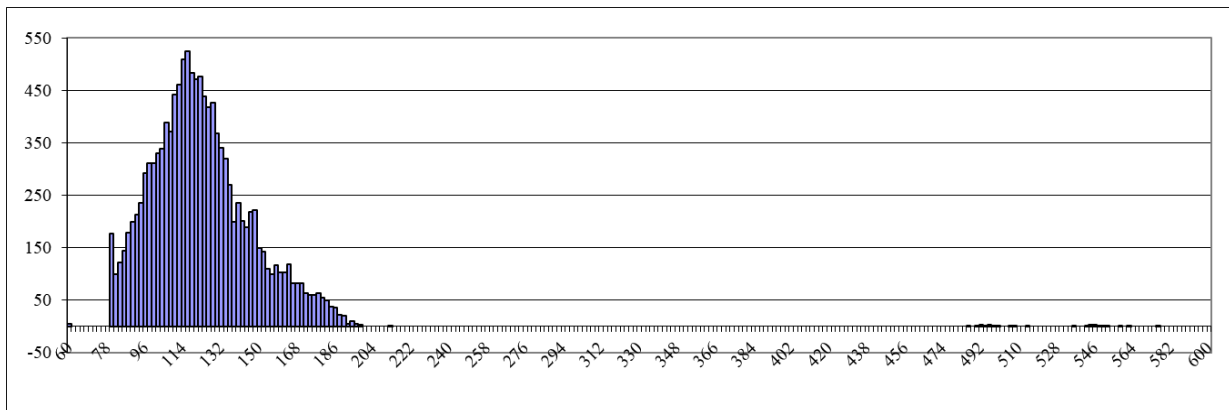
<sup>4</sup> Altro elemento della “composizione prosodica” è quello della curva comprendente due versi per intero, per quanto resti prevalente la curva che ingloba solo parti di verso, in un'alternanza tra curve brevi (che includono una porzione di verso) e curve più lunghe (che comprendono frammenti di più versi oppure un verso per intero, unitamente ai frammenti di uno o due versi).

<sup>5</sup> I casi di contorni con “m” terminale nella descrizione sintetica presentano un termine del contorno che mantiene un livello medio.

privilegiate: la scelta melodica vincolata all'accento prosodico (primario e secondario) lascia dunque pensare a una realizzazione ritmica strettamente connessa a quella intonativa.

Questa dispersione/concentrazione di valori si può studiare anche mediante una possibilità di caratterizzazione del profilo vocale attraverso uno studio della densità di probabilità (*ddp*), come suggerito da varie fonti<sup>6</sup>.

Dall'analisi relativa alla  $f_0$  nella lettura del poeta, anche questo aspetto parrebbe confermato, mostrandosi la curva nel complesso regolare, con un uso esteso di frequenze acute (si noti l'ampiezza della curva oltre il picco massimo su valori maggiori di  $f_0$ ), con un picco di densità centrale (compreso intorno ai 110-120 Hz) e un mantenimento del livello su un secondo livello in una fascia centrale, nel complesso delle frequenze del poeta (tra i 140 e i 150 Hz), con poche irregolarità nel registro più grave (occasionalmente cricchiato)<sup>7</sup>.



**Fig. 1.** Grafico di *ddp* di  $f_0$  di Giorgio Caproni (classificazione dei valori in categorie con passo 2 Hz). La categoria di frequenza a 80 Hz accumula simbolicamente i pochi valori appartenenti al registro più grave che si presentano occasionalmente irregolari (v. n. 7).

#### 4.2. Comparazioni tra dodici letture: norma e variazione

Da una comparazione svolta all'interno delle categorie prese in analisi e da una successiva, ulteriore, comparazione, sono emersi elementi caratteristici di alcune prassi di lettura di un periodo storico specifico (secondo una varietà diacronica) e di caratteristici tratti professionali, che si sono manifestati in stili intonativi diversi, riconoscibili e che vanno dal declamatorio al più sussurrato e intimo. Essi, tuttavia, si contraddistinguono per un significativo

<sup>6</sup> Il presente articolo sfrutta il metodo di misurazione e il *template* di categorizzazione usati in Romano (2000) che passa anche in rassegna diversi studi sulla caratterizzazione vocale condotta con metodi simili.

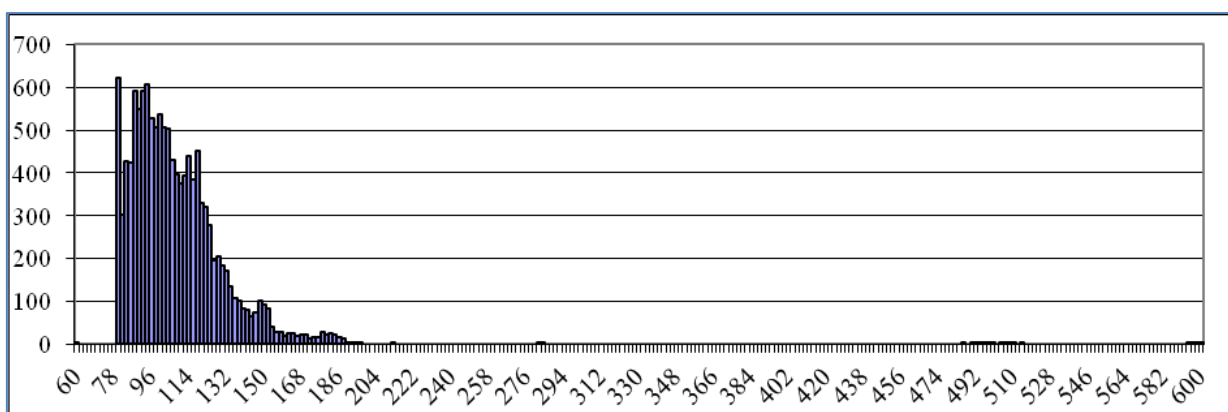
<sup>7</sup> I valori sotto una soglia minima di 80 Hz, distribuendosi in modo irregolare, sono convenzionalmente ricondotti alla categoria 80. Il ricorso a una scala percettiva avrebbe reso maggiormente simmetrica la distribuzione, ma non avrebbe regolarizzato la dispersione di valori in questo registro.

marginale di variazione interno: le convergenze individuabili in modelli generali hanno dunque presentato, a un'analisi più dettagliata, divergenze interessanti da considerare.

Sul piano melodico sono emerse nel complesso due tendenze prevalenti, collocabili in un sistema ampio di norma e variazione: a un'omogeneità di  $f_0$ , che conferisce un andamento piano alla melodia (cfr. Beccaria, 1964), almeno a un livello percettivo, si è opposta invece una varietà periodica del movimento melodico. Nella prima delle due tendenze si possono collocare le voci di Loreto (questa con una qualità vocale in grado di produrre, a un'osservazione attenta, ulteriori coloriture melodiche), Travi, Santori e Damiani; nella seconda invece, prevalente nell'analisi delle dodici voci, troviamo le altre nove interpretazioni, e cioè la lettura di Caproni, Rondoni, Lauretano, Negro, tra i poeti, e Rossatti, Herlitzka, Millo e De Luca, tra le voci professionali. Una disamina quantitativa, le cui modalità di svolgimento sono attualmente in fase di definizione, potrebbe avvalorare questi raggruppamenti sulla base di un spoglio statistico dei dati acustici rilevati.

A livello di comportamenti ricorrenti, è stato interessante individuare un'analogia tra la lettura del poeta Lauretano con quella dell'autore: entrambi tendono infatti a utilizzare un movimento simile, nei casi di continuative maggiori, tendendo a un'ascesa significativa sulla parte finale del contorno intonativo. Questa somiglianza sottintende anche una comune intenzione alla base della lettura e un'affine scelta organizzativa del testo prosodico: oltre a un tono all'apparenza più didascalico, che si riflette in questi specifici movimenti, anche la scelta intonativa si vincola, almeno in parte, a quella di suddivisione in *curve prosodiche*.

Anche in queste tendenze prevalenti si assiste a un'insistenza melodica, particolarmente evidente negli stili di lettura piani e omogenei, che mantengono una densità di frequenza su una specifica fascia melodica, ma visibile anche in una lettura varia come quella di Rondoni, che ritorna su specifiche frequenze, come mostrano anche i grafici di *ddp* (v. Fig. 2).



**Fig. 2.** Grafico di *ddp* di  $f_0$  di Davide Rondoni (classificazione dei valori in categorie con passo 2 Hz). La categoria di frequenza a 80 Hz accumula convenzionalmente i valori appartenenti al registro più grave che in questo caso si presentano con particolare frequenza.



Il grafico in Fig. 2, nonostante suggerisca un'estensione del profilo vocale del parlante simile a quella di Caproni (v. Fig. 1), presenta un'esplorazione diversa dell'intervallo, attardandosi maggiormente su frequenze gravi (con una moda a circa 100 Hz vs. quella di Caproni attestata sui 116 Hz, differente cioè di circa un tono e mezzo)<sup>8</sup>. Sarà interessante notare che la convergenza in fasce tonali equivalenti è anche visibile nella "spalla" presente nelle due *ddp*, che si situa a 148 Hz per Caproni e a 116 per Rondoni (con una differenza sostanziale di circa una quarta).

Anche la lunghezza media delle unità interpausali è apparsa interessante da osservare: prevalente è stata quella media, corrispondente all'incirca alla lunghezza del verso, a volte realizzata anche come unione di due frammenti di versi o come verso autonomo. Questa tipologia è stata globalmente rilevata in tutti i poeti e negli attori Rossatti e Millo, mentre in altri casi l'unità intonativa è apparsa lievemente più estesa, su più versi, così da renderla nel complesso più lunga: questo si è registrato, in particolar modo, tra gli *speaker* radiofonici (notevolmente estesa nella struttura, con netta riduzione di pause, ad esempio per De Luca) e un attore contemporaneo (Herlitzka).

La lunghezza della *curva prosodica* dunque testimonia differenti modalità di suddivisione del testo, che sono state riassunte nelle categorie esplicate precedentemente di "sintattica", "metrica" e "sintattico-metrica": la prima è stata adottata in prevalenza da Caproni, Negro, Travi e Loreto, ovvero dall'autore e dalle tre poetesse prese in analisi (quest'ultima in un'interpretazione tuttavia più rispettosa della metrica nel complesso, seppure in una lettura globalmente sintattica); la seconda si è trovata nei tre poeti uomini (Damiani, Lauretano e Rondoni) e nella lettura di Achille Millo. La terza modalità, infine, ha contraddistinto le due *speaker* radiofoniche-poetesse e anche, almeno in parte, gli attori contemporanei. Sono stati individuati, anche tra letture molto diverse tra loro, *versi-curva* comuni e coincidenti con versi che racchiudevano subordinate autonome, incluse tra segni di punteggiatura, versi iniziali o conclusivi nelle strofe e in dichiarative assertive.

Nel corso dell'analisi globale delle dodici letture sono state individuate diverse e molteplici modalità organizzative, convergenti prevalentemente in stili di lettura comuni e maggiormente individuabili in alcuni punti specifici, particolari per punteggiatura e struttura retorica. Tuttavia, alcune letture sono convenute su uguali scelte organizzative, nonostante diverse modalità di lettura: al fine di mostrarne alcuni esempi, si sono presi in considerazione

<sup>8</sup> In questo caso i valori dispersi sotto gli 80 Hz sono decisamente più numerosi. La loro classificazione convenzionale nella categoria 80 segnala una frequentazione più intensa di questo intervallo, con sforamenti sistematici nel registro di cricchiato.

due versi nella parte terminale della prosopopea, che mostrano la variazione possibile di lettura e anche le affinità tra diverse letture emerse. I versi considerati sono stati i vv. 83 e 84 («Congedo alla sapienza / e congedo all'amore») e sono stati messi a confronto grazie a grafici realizzati su stilizzazioni del movimento melodico di segmenti vocalici (riprodotti con il loro movimento e la loro durata) presentati precedentemente (v. Fig. 3)<sup>9</sup>.

Sono emerse differenti possibilità di organizzazione, tra cui quella prevalente, sia tra voci maschili sia tra femminili, è stata quella in due unità di sette segmenti vocalici ciascuna: all'interno di questa generale concordanza, tuttavia, i parlanti a volte hanno mostrato comportamenti melodici differenti o, al contrario, molto simili in alcuni punti. Oltre alle fasce tonali differenti tra uomo e donna, gli andamenti delle porzioni intonative si sono mostrati diversi tra le varie interpretazioni (dalle più omogenee di Travi e Santori alle più variegate di Caproni, Damiani, Herlitzka e Millo, che si sono prestati a un confronto comune su un medesimo grafico). In parallelo alla prevalente organizzazione bipartita si è individuata anche la strutturazione dei versi in quattro blocchi segmentali, utilizzata da Rossatti e Lauretano.

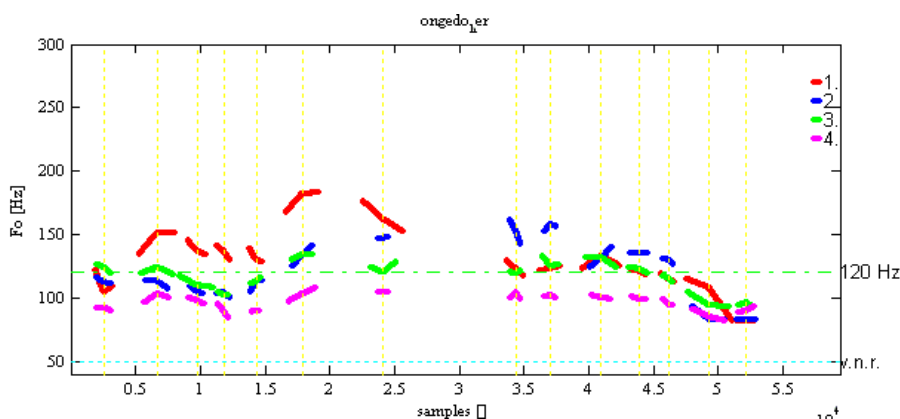


Fig. 3. Curve melodiche (segmentate) dei vv. 83-84 di Caproni (1), Millo (2), Damiani (3) e Herlitzka (4).

#### 4.3. Osservazione dell'*enjambement* tra i poeti: alcune comparazioni

La quarta strofa, con la sua struttura ricca di inarcature, si caratterizza per una peculiarità retorica interessante e, come visto in precedenza, sfugge anche nella lettura caproniana alla regolarità dell'andamento prosodico generale dell'intera prosopopea: per questo si è voluto osservare la sua realizzazione nella lettura del poeta e in comparazione con i parlanti all'interno del nostro piccolo archivio (cf. Colonna in c. di s.). Si è considerato in questo caso globalmente

<sup>9</sup> Il grafico è ottenuto con la *routine* di confronto delle curve stilizzate presente nel pacchetto *AMPER-dat* (v. <http://www.lfsag.unito.it/amper/amper.html>). Per una lettura dettagliata v. Colonna (in c di s.).

l'archivio dei dodici parlanti e poi si è ristretta l'osservazione al campione di poeti contemporanei coinvolti, per prendere in analisi nel maggiore dettaglio le possibili modalità di realizzazione. Risulta difatti la strofa con maggior numero di *enjambement* nel complesso e, per questo, permette un'osservazione mirata del fenomeno retorico, riguardo al quale diverse teorie si sono affermate, basandosi su un'analisi svolta solo a livello percettivo e col fine specifico di individuare la più corretta modalità di lettura. Lo studio, non finalizzato a normalizzare o individuare una "regola" migliore di altre per uniformare le letture dell'espedito retorico, ha messo in luce diverse possibilità di attuazione tra i poeti, che confermano la presenza di più modalità consolidate.

È opportuno premettere, prima di passare a un'osservazione mirata del caso, che è emersa una generale convergenza di letture metriche e sintattiche nella scelta di non realizzare l'inarcatura a mezzo di pausa o, per lo meno, di limitarne notevolmente la produzione: in questa norma generale convergono i poeti, gli attori contemporanei e le *speaker* radiofoniche. Nel complesso se ne discostano invece Rondoni e Millo.

Parallelamente alla prevalente scelta adottata dai lettori, è stata individuata anche una modalità alternativa all'uso della pausa, in grado di marcare l'*enjambement* mediante allungamento vocalico su sillaba di tonica e finale: questo, che provoca un rallentamento nella lettura, è apparso particolarmente evidente in Loreto e Millo e genera un effetto di sospensione e attesa.

Considerando la sola lettura dei poeti, come anticipato, si è evidenziata una prevalente modalità interpretativa che omette la resa dell'inarcatura a mezzo di pausa ma privilegia una scansione di tipo sintattico: questo non negherebbe tuttavia la permanenza di un ritmo che, seppure in letture diverse tra loro, ricade sulla scelta di alcune comuni *parole ritmiche* che si mantengono come "àncora" in diverse scelte di segmentazione. Le curve intonative finiscono quindi per includere numeri di sillabe diverse da quelli del verso nel caso di alcune inarcature, apparendo nel complesso, in alternanza a curve di più breve durata, più lunghe dei versi, suggerendo esiti pragmatici diversi a seconda della lettura. Queste letture dei poeti contemporanei convergono con quella di Caproni nelle scelte di segmentazione: diversamente da queste si comporta invece la voce di Rondoni, che è l'unico a realizzare l'inarcatura a mezzo di pausa.

Principalmente è stata individuata una norma generale dominante, che privilegia l'uso di curve intonative continue, fedeli alla riproduzione dei respiri indicati dai segni di interpunzione e all'andamento logico-sintattico del testo, piuttosto che alla sua scrittura in versi: queste, prive di pause, talvolta mostrano al loro interno ulteriori variabili di interpretazione,

come l'allungamento vocalico, che possono considerarsi modalità alternative di inarcatura. È emersa dunque, nel complesso, anche una variazione interna che contraddistingue durate, movimenti interni di *f<sub>0</sub>* e *parole ritmiche* particolarmente significative.

## 5. CONCLUSIONI

Lo studio ha messo in luce la ricchezza che il tessuto prosodico della lettura poetica italiana presenta: sono emerse infatti strategie di diverso tipo per l'organizzazione melodica e della segmentazione in curve, ascrivibile in sistemi più ampi. A partire dalla distinzione cronologica tra scelte interpretative antecedenti e attuali, diversi fattori, come la dimensione professionale, hanno sicuramente inciso sulla distinzione in schemi individuabili in senso ampio, non risultando però gli unici elementi utili per identificare una distinzione e una ripartizione completa. Difatti, all'interno di generali e ampie partizioni, sono state individuate ulteriori diversificazioni interne.

Nel complesso si può evincere da questo lavoro, quantitativo e qualitativo, l'esistenza di una latitudine di variazione importante nella suddivisione e articolazione del verso, così come anche nell'uso dell'estensione vocale: ciò nonostante, una notevole convergenza occasionale in profili condivisi porta a pensare a una norma generale che si stabilisce talvolta in alcune preferenze di lettura e porta a differenti soluzioni, anche a seconda della dimensione professionale del lettore. Si potrebbe dunque parlare di norme generali condizionate da diversi modelli: più nel dettaglio, possiamo pensare a modelli generali attuali predominanti, costituiti all'interno da micro-modelli ulteriori con possibilità di variazione.

Globalmente uno degli aspetti più interessanti è stata la scollatura tra testo scritto e “testo sonoro” acustico<sup>10</sup>, che, al termine di un'analisi come questa, emerge evidente e appare forse uno dei tratti più stimolanti per considerare questo ramo di studio una possibilità di ricerca utile da indagare anche in ambito italiano. Questi primi risultati compongono l'inizio di un progetto di ricerca che ha l'obiettivo di rendere più esperibili questi aspetti, grazie a un ampliamento, a un adeguamento e un perfezionamento di mezzi e metodi di studio specifici.

## 6. RINGRAZIAMENTI

Si ringraziano l'ICBSA, per averci fornito la registrazione di Giorgio Caproni, e tutti gli interpreti che hanno reso possibile questo lavoro. Un ringraziamento va anche ai revisori anonimi che, oltre a una rilettura costruttiva del testo originario, hanno segnalato l'urgenza di un maggiore sviluppo della ricerca in termini di corrispondenza acustico-percettiva dei dati qui

---

<sup>10</sup> Si tratta difatti, nel complesso, di maggiori aderenze alla punteggiatura piuttosto che al *layout* del testo o, comunque, a una sua rielaborazione libera in termini di organizzazione in enunciati e unità intonative.

sommariamente presentati. In questa direzione si stanno concentrando i nostri sforzi in vista dell'inclusione dei dati estratti in una prospettiva di modellizzazione statistica.

## 7. BIBLIOGRAFIA

- Abercrombie, D. (1967). *Elements of general phonetics*, Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Beccaria, G. L. (1964). *Ritmo e melodia nella prosa italiana*, Firenze: Olschki.
- Beltrami, P. G. (2002). *La metrica italiana*, Bologna: Il Mulino.
- Bertinetto, P. M. (1973). *Ritmo e modelli ritmici: analisi computazionale delle funzioni periodiche nella versificazione dantesca*, Torino: Rosenberg & Sellier.
- Bertinetto, P. M. (1978). Strutture soprasegmentali e sistema metrico. In: Cremante, R. & Pazzaglia, M., (a cura di). *La metrica*, Milano: Il Mulino, I, 67-78.
- Cohen, J. (1972). La versificazione. In: Cremante, R. e Pazzaglia, M. (a cura di). *La metrica*, Il Mulino, Milano, 67-78.
- Colonna, V. (in c.d.s.). *Prosodie del "Congedo". Analisi fonetica di dodici letture del "Congedo del viaggiatore cerimonioso" di Giorgio Caproni*, Alessandria: dell'Orso, in c. di s.
- Crystal, D. 1975. *The English Tone of Voice: Essays in Intonation, Prosody and Paralanguage Usage*, London: Edward Arnold, 105-124.
- Dauer, R. M. (1983). Stress-timing and Syllable-timing Reanalysed, *Journal of Phonetics*, n. 11, 51-62.
- Fónagy, I. (1982). *La ripetizione creativa. Ridondanze espressive nell'opera poetica*, Bari: Dedalo, 10-14.
- Fónagy, I. (1983). *La vive voix. Essais de psychophonétique*, Paris: Payot 273-323.
- Fónagy, I. (2000). Languages and Iconicity. In: Violi, P. (a cura di). *Phon symbolism and Poetic Language*, Turhout: Brepols, 57-83.
- Fortini, F. (2003). La poesia ad alta voce. In: Lenzini L. (a cura di) *Saggi ed epigrammi*, Milano: Mondadori, 1562-1578.
- Grabe, E. & Low, E. L. (2002). Durational Variability in Speech and the Rhythm Class Hypothesis. In: Gussenhoven, C. & Warner, N. (a cura di), *Papers in Laboratory Phonology 7*, Mouton de Gruyter, Berlin, 515-546.
- Halle, M. & Vergnaud, J. R. (1987). *An Essay on Stress*, Cambridge (MA)-London: MIT Press, 3-47.
- Hayes, B. (1982). Extrametricality and English Stress, *Linguistic Inquiry*, 13, 227-276.
- Hirst, D.J. & Di Cristo, A. (1998). *A survey of intonation systems*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Lerdhal, F. (2003). The sounds of poetry viewed as music. In: Peretz, I. & Zatorre, R. (a cura di), *The Cognitive Neuroscience of Music*, New York: Oxford University Press, 413-429.

- Lerdahl, F. & Halle, J. (1991). Some lines of poetry viewed as music. In: Sundberg, J., Nord, L. & Carlson, R. (a cura di), *Music, Language, Speech and Brain*, London: Macmillan, 34-47.
- Liberman, M. & Prince, A. (1977). On stress and linguistic rhythm, *Linguistic Inquiry*, 8, 249-336.
- MacArthur, M.J., Zellou, G., Miller, L.M. (2018). Beyond poet voice: sampling the (non-) performance styles of 100 American poets, *Journal of Cultural Analytics*, 1-72. doi: 10.22148/16.022.
- Menichetti, A. (1993). *Metrica italiana. Fondamenti metrici, prosodia, rima*, Padova: Antenore.
- Meyer-Sickendiek, B., Hussein, H. (2017). *Rhythmicalizer. Data Analysis for the Identification of Rhythmic Patterns in Readout Poetry*. In: Eibl, M., Gaedke, M. (a cura di), *Informatik*. Bonn: Gesellschaft für Informatik, 2189-2200.
- Mistrorigo, A. (2018). *Phonodia. La voz de los poetas, uso crítico de sus grabaciones y entrevistas*, Venezia: Edizioni Ca' Foscari – Digital Publishing. doi: 10.30687/978-88-6969-236-9.
- Nespor, M. (1993). *Fonologia*, Bologna: Il Mulino.
- Pamies Bertrán, A. (1999). Prosodic Typology: On the Dichotomy between *Stress-Timed* and *Syllable-Timed* Languages, *Language Design*, 2, 103-130.
- Pamies Bertrán, A. (2010). Quelques malentendus à propos du concept de rythme en linguistique. In: Russo M. (a cura di), *Prosodic Universals. Comparative Studies in Rhythmic Modeling and Rhythm Typology*, Roma: Aracne.
- Pierrehumbert, J. B. (1980). *The phonology and phonetics of English intonation*, Cambridge (MA)-London: MIT Press (rist. Bloomington, Indiana University Linguistics Club, 1987).
- Ramus, F., Nespor, M. & Mehler, J. (1999). Correlates of linguistic rhythm in the speech signal, *Cognition*, 73/3, 265-292.
- Romano, A. (2000). Statistiche di frequenza fondamentale per uno stesso locutore in diverse condizioni di produzione, *Atti del 28° Convegno Nazionale dell'Associazione Italiana di Acustica* (Trani, 10-13 Giugno 2000), 249-252
- Romano, A. (2010). Speech Rhythm and Timing: Structural Properties and Acoustic Correlates, In: Schmid, S., Schwarzenbach, M. & Studer, D. (a cura di), *La dimensione temporale del parlato*. Atti di AISV 2009, Kollegiengebäude: Università di Zurigo, Torriana (RN): EDK, 45-75.
- Romano, A. (2014). *Etichette per l'analisi prosodica di file di parlato*, [http://www.lfsag.unito.it/ricerca/ROMANO\\_2014-2015\\_Etichette\\_prosodiche.pdf](http://www.lfsag.unito.it/ricerca/ROMANO_2014-2015_Etichette_prosodiche.pdf)
- Schindler, O. (2009). *La voce: fisiologia, patologia clinica e terapia*, Padova: Piccin.
- Schirru, G. (2004). Costituenza metrica e lingua poetica italiana. In: Albano Leoni, F., Cutugno, F., Pettorino, M. & Savy, R. (a cura di), *Il parlato italiano*. Atti del convegno nazionale di Napoli, Napoli: D'Auria, testo F9. <http://hdl.handle.net/11580/14830>.

## 8. DISCOGRAFIA

- Caproni, G. (1983). *Lettura di poesie dal libro “Il congedo del viaggiatore cerimonioso ed altre prosopopee”*, Presentazione e lettura delle poesie. Roma: Discoteca di Stato. ICBSA (fonte depositaria del documento, 6 giugno 1983).
- Herlitzka, R. (2000). *Congedo del viaggiatore cerimonioso*. In: Gassman, V. (a cura di) *Antologia personale di Vittorio Gassman. Quattro cd audio e un libro sulla poesia italiana dell'Ottocento e del Novecento*, Luca Sossella Editore.
- Millo, A. (1991). *Poesie di Giorgio Caproni lette da Achille Millo*, Genova, Dynamic-Carige.
- Rossatti, A. [2013]. *Giorgio Caproni. Antologia*. In: De Nicola, F. & Caprile, M. T. (a cura di [2012]), *Il mondo in italiano*, Roma: Società Dante Alighieri.